



ENSINO SUPERIOR // RESULTADOS DA 1.ª FASE

# Politécnicos esperam preencher vagas até outubro

- **Reitor** da Universidade do Porto e presidente dos Politécnicos alertam para “tragédia” nas engenharias
- **Presidente** do Politécnico de Bragança continua a apostar nos regimes especiais para preencher cursos

Alfredo Maia  
amaia@jn.pt

As instituições de Ensino Superior depositam nas próximas fases do concurso nacional a esperança do preenchimento de mais de 13 mil vagas deixadas na primeira. Por agora, Nuno Crato está contente.

“**E** stamos muito contentes por ter, nesta primeira fase, mais estudantes a entrar no Ensino Superior”, disse ontem o ministro da Educação e Ciência, comentando os resultados da primeira fase do concurso nacional de acesso.

Recorde-se que foram colocados 89% dos candidatos e ocupadas 74% das vagas (87% nas universidades e 58% nos politécnicos), com uma subida de 0,97% no número de colocados, ficando 13 168 lugares em aberto e 73 cursos sem alunos.

Citado pela agência Lusa, Nuno Crato disse que o país “está a assistir a um conjunto de sinais que podem indicar uma inversão de tendência” e destacou os programas “Retomar” (para quem abandonaram os estudos e está desempregado), e “+ Superior” (apoio a alunos em instituições no Interior do país).

Os “resultados magníficos” deixaram satisfeito o reitor da Universidade do Porto, a mais procurada (mais de 25% dos candidatos escolheram-na

como primeira opção no concurso nacional), mostrando que “tem uma boa reputação nacional”.

Esperando que as próximas fases preencham a maior parte das 179 vagas na UP (a taxa de ocupação é de 96%), Sebastião Fayo de Azevedo salientou ao JN o “problema nacional grave” do “colapso” da Engenharia Civil (90 vagas na FEUP).

Uma das causas é a crise na construção civil, mas o reitor sustenta que o Governo deve pensar rapidamente nas necessidades de reabilitação e conservação do património e de garantir a formação de profissionais para a internacionalização das empresas e para as necessidades futuras.

### “Tragédia para o país”

“É uma tragédia para o país”, diz o presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Politécnicos, Joaquim Mourato. Ouvido pelo JN, adverte para “o défice de profissionais a curto e médio prazo”.

Ambos sublinham a causa da inadequada preparação no Secundário e a exigência de notas positivas a Matemática e a Física e Química para acesso aos cursos. Mas Mourato desafia o Ministério a lançar, através da Fundação para a Ciência e Tecnologia, um concurso para centros de investigação que trabalhem soluções pedagógicas para melhorar os métodos de ensino.

O presidente do CCISP não está preocupado com as vagas sobranes na primeira fase. As

### O QUE SE SEGUE

19

#### Segunda fase começa hoje

Decorre até ao dia 19 a 2.ª fase do concurso nacional de acesso ao Ensino Superior público. Estão colocadas as 13 168 vagas sobranes da 1.ª, as não ocupadas por falta de matrícula, as libertadas por recolocações e retificações. Os resultados serão divulgados no dia 25.

#### Quem pode concorrer

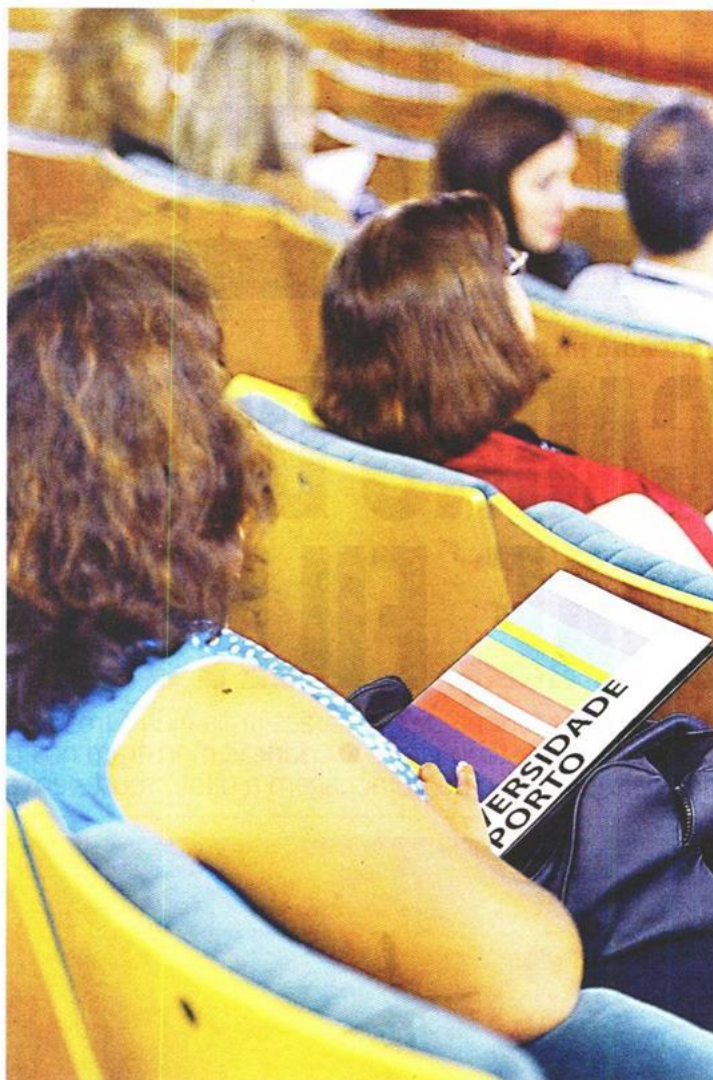
Podem concorrer os 4630 não colocados na 1.ª fase, os que queiram concorrer novamente ou não efetuaram a matrícula e especialmente os aprovados na 2.ª chamada dos exames do Ensino Secundário.

#### Terceira fase em outubro

De 2 a 6 de outubro decorre a 3.ª fase do concurso nacional, para ocupar as vagas ainda sobranes.

#### As outras vias de acesso

Além do concurso nacional, são vias de acesso os concursos locais para cursos de artes de palco (646 vagas), o regime específico da Universidade Aberta, concursos para instituições militares e policiais, cursos de especialização tecnológica, maiores de 23 anos e regimes especiais.



Na primeira fase ficaram mais de 13 mil vagas por preencher; 73 cursos ficaram a zero

próximas e os regimes especiais deverão levar à média de 100% de preenchimento, garantiu.

O presidente do Politécnico de Bragança, aparentemente o mais atingido pela falta de procura nacional (1374 vagas sobranes e apenas 25,45% preenchidas) nem sequer necessita das novas fases. “Até vamos aumentar. Já subimos em 12% o número de colocados nesta fase e as três fases não representam 50% das vagas que vamos preencher”, disse Sobrinho Teixeira ao JN.

Em 2013, as três fases forneceram 554 entradas das 1166 nacionais. A maioria provém do ensino profissional, dos cursos de especialização tecnológica e do estrangeiro (os alunos internacionais são 15% dos seus estudantes). ●

## QUEDA NAS ENGENHARIAS PREOCUPA A ORDEM

► O bastonário da Ordem dos Engenheiros considera “preocupante que uma área, que é promissora para o país e que tem sido responsável por grande parte da internacionalização da nossa economia, tenha sofrido o baque que teve, com taxas de ocupação muitíssimo abaixo do que seria expectável”. A redução é mais preocupante quando o Governo tenciona implementar o plano estratégico de infraestruturas de transportes, um investimento de mil milhões de euros por ano. “Sem engenharia civil não

se pode concretizar este plano”, disse à agência Lusa Carlos Matias Ramos. Atribuindo a quebra de candidatos à ideia de que estes cursos já não dão emprego e à crise imobiliária, o dirigente nota que “a taxa de emprego é elevadíssima e permite que, em alturas de crise, os jovens possam desempenhar a sua atividade também fora do país”. Por outro lado, alerta que não será possível a internacionalização das empresas de construção se dentro em breve não tivermos profissionais de engenharia civil que respondam às necessidades.